



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR  
Engenharia

## Templo Cristão

Gonçalo Nuno Pereira Nina Xavier da Costa

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em  
**Arquitectura**  
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor José Neves Dias

Covilhã, Outubro de 2011

## **Resumo**

No contexto de um crescimento e intensificação dos fenómenos religiosos, elaborou-se um projecto para um templo cristão, um espaço que pudesse potenciar momentos de introspecção e de unidade com o transcendente.

Na abordagem dos diversos elementos que compõem o processo criativo, e atendendo às especificidades da Igreja estudada (Igreja Adventista do Sétimo Dia), procurou-se adequar a forma arquitectónica do edifício ao seu conteúdo religioso.

## **Palavras-Chave**

Arquitectura, Projecto, Templo, Igreja, Cristianismo, Culto

## **Abstract**

In the context of a growth and intensification of the religious phenomena, it was elaborated a project for a Christian church, a space that could enhance moments of introspection and unity with the transcendent.

In the approach of various elements that compose the creative process, and having attention with the specificities of the Church studied (Seventh Day Adventist Church), it was tried to adapt the architectural form of the church to its religious content.

## **Key-Words**

Architecture, Design, Temple, Church, Christianity, Worship

# Índice

Resumo .....	ii
Palavras-Chave .....	ii
Abstract.....	iii
Key-Words.....	iii
Índice.....	iv
Lista de Figuras .....	vii
Objectivos .....	viii
Metodologia.....	ix
1 Introdução.....	1
2 Enquadramento Histórico.....	2
2.1 A Reforma Protestante .....	2
2.2 O Despertar Religioso nos Finais do Século XVIII .....	3
2.3 William Miller e o Estudo das Profecias Bíblicas.....	4
2.4 O Movimento Millerita.....	5
2.5 O Nascimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia .....	6
2.6 A Igreja Adventista na Europa.....	7
2.7 A Igreja Adventista em Portugal .....	8
3 Práticas e Doutrinas .....	10
3.1 Sábado.....	10
3.2 Serviço de Culto .....	10
3.3 Santa Ceia.....	11
3.4 Baptismo .....	11
4 Aspectos Abordados .....	13
4.1 O Lugar .....	13

4.2 O Material .....	13
4.5 A Luz .....	14
5 Casos de Estudo .....	15
5.1 Igreja da Luz – Tadao Ando .....	15
5.2 Igreja do Infinito – Hanrahan Meyers .....	16
5.3 Igreja da Santa Cruz – Krohn Rasmussen .....	17
6 O Projecto .....	19
6.1 O Lugar .....	19
6.2 O Programa .....	21
6.3 A Ideia.....	22
6.4 A Luz .....	23
6.5 O Material .....	24
7 Espaços Interiores.....	25
7.1 Átrio de Entrada .....	25
7.2 Sala de Administração.....	25
7.3 Sala de Convívio .....	25
7.4 Sala de Culto.....	26
7.5 Baptistério .....	27
7.6 Lava-pés .....	28
7.7 Escola Sabatina.....	29
8 Espaços Exteriores .....	30
8.1 Estacionamento .....	30
8.2 Acesso .....	30
8.3 Pátios.....	31
8.4 Envolvente.....	31
9 Solução Construtiva .....	32
9.1 Estrutura.....	32

9.2 Coberturas.....	32
9.3 Pavimentos.....	32
9.4 Paredes.....	32
9.5 Vãos.....	33
9.5.1 Exteriores .....	33
9.5.2 Interiores.....	33
9.6 Tectos .....	33
9.7 Louças Sanitárias .....	33
10 Conclusão .....	34
11 Bibliografia .....	35
11.1 Monografias .....	35
11.2 Publicações Periódicas .....	37
11.3 Teses e Dissertações .....	37
11.4 Vídeos.....	37
11.5 Documentos Electrónicos .....	38
12 Créditos das Figuras .....	39
13 Anexos.....	40

## Lista de Figuras

Figura 1 – Martinho Lutero.....	2
Figura 2 – William Miller .....	4
Figura 3 – James White .....	6
Figura 4 – Clarence Rentfro.....	8
Figura 5 – Estudos de luz.....	14
Figura 6 – Igreja da Luz, Tadao Ando .....	15
Figura 7 – Igreja do Infinito, Hanrahan Meyers.....	16
Figura 8 – Igreja da Santa Cruz, Krohn Rasmussen .....	17
Figura 9 – Zona de implantação do projecto .....	19
Figura 10 – Fotografia do local .....	20
Figura 11 – Estudos para a organização do programa .....	21
Figura 12 – Estudos da relação do edifício com o terreno .....	22
Figura 13 – Estudos de luz vertical e horizontal .....	23
Figura 14 – Estudo para a sala de conselho/administração .....	25
Figura 16 – Estudos para a sala de culto .....	26
Figura 17 – Estudos para o baptistério .....	27
Figura 18 – Estudos para o lava-pés .....	28
Figura 15 – Estudos para as salas da escola sabatina.....	29
Figura 19 – Esquços ilustrativos do estacionamento.....	30

## Objectivos

Elaboração de um projecto para um edifício destinado ao culto religioso a partir da consideração de elementos como o programa, o lugar, os materiais a aplicar e a luz. Ferramentas que, como Zumthor descreve, nos podem ajudar ao longo do processo criativo e, embora as respostas sejam muito pessoais, nos conduzem a um desfecho específico (Zumthor, 2006). Mas Federico Cerro vai mais além, chama a estes aspectos “os detonantes” do projecto, sublinhando que o *lugar* e o *programa* são os constituintes mais importantes da análise inicial, em complemento dos quais, a escolha dos materiais e o contexto em que se realiza o projecto se assumem como os aspectos mais ligados às idiossincrasias do arquitecto (Cerro, 2008).

Assim, através da abordagem destes aspectos e fazendo uma análise de obras de arquitectura representativas, tenta-se chegar à compreensão de como se pode potenciar, através da arquitectura, a relação com o divino.

## Metodologia

Numa primeira fase efectuou-se uma necessária pesquisa bibliográfica, de modo a estabelecer-se uma base teórica sobre a temática desenvolvida no projecto.

Em fases seguintes como a adequação do programa, o levantamento das necessidades e o pré-dimensionamento dos espaços, foi estabelecida a correspondência entre as informações e conceitos obtidos na primeira fase e as soluções formais, espaciais, estruturais e de linguagem, adequadas à materialização do objecto arquitectónico.

Na fase final foram elaborados e articulados todos os elementos fundamentais para a completa definição do projecto, tais como a memória descritiva e justificativa e, também, as peças desenhadas às escalas apropriadas e o correspondente enquadramento teórico.

# 1 Introdução

Um dos grandes aspectos que caracterizam e atravessam toda a sociedade é o grande pluralismo religioso. A religião deixou de ser automaticamente herdada, como em tempos passados, mas passou a constituir matéria de reflexão e, automaticamente, sinónimo de uma opção pessoal.

Neste contexto surgiu a ideia de elaborar um templo religioso. A questão de qual o tipo de templo ou para que religião o templo iria servir pôs-se de imediato; o templo teria que responder a múltiplas e diferentes especificidades consoante a religião seleccionada. Pensou-se então em uma mesquita ou uma sinagoga, mas achou-se que o edifício teria de reproduzir ou espelhar as opções religiosas da sociedade actual. A religião cristã, por motivos históricos, culturais e institucionais foi obviamente ponderada e, devido à sua ainda larga representação, a eleita.

Embora a denominação católica seja a mais representativa do “nosso” cristianismo optou-se pelo estudo de uma denominação protestante por paradoxalmente ser um contraponto às crenças e dogmas religiosos enraizados no nosso país. Para além disso, actualmente, as igrejas protestantes, juntamente com a Igreja Católica e a Igreja Ortodoxa, são uma das três maiores divisões do cristianismo.

Após o estudo da história do protestantismo e das diferentes Igrejas remanescentes, elegeu-se a Igreja Adventista do Sétimo Dia, que para além de obedecer aos requisitos mencionados de Igreja protestante, representa uma familiarização pessoal com as suas práticas e doutrinas.

## 2 Enquadramento Histórico

### 2.1 A Reforma Protestante



Figura 1 – Martinho Lutero

Foi com um monge agostiniano chamado Martinho Lutero que, na Alemanha do século XVI, se desencadeou a conhecida Reforma Protestante. O episódio que marca o início da Reforma dá-se em 1517 quando, em oposição aos pregadores que vendiam indulgências, o monge afixou nas portas da catedral de Wittenberg, as 95 teses que censuravam os abusos praticados pela Igreja Romana. Embora no início tenha acreditado numa Reforma sem cisma, em 1520 foi excomungado após três anos de controvérsias, queimando em Wittenberg a bula papal que o convidava a retratar-se. Em 1530 definiu-se a doutrina luterana com a Confissão de Augsburgo, cujos pontos principais eram a autoridade soberana da Sagrada Escritura e a salvação pela fé.

O termo Protestante surgiu na Dieta de Espira, em 1529, depois dos príncipes defensores de Lutero protestarem contra a decisão, da maioria católica, em censurar o movimento reformista.

Nesses ideais de renovação da Igreja havia o desejo de regressar à prática e simplicidade da fé da igreja primitiva, rejeitando algumas das doutrinas do catolicismo. Os seus preceitos variam de denominação para denominação mas a maioria inclui a doutrina da justificação unicamente pela graça, mediante a fé em Jesus Cristo, conhecida como *sola fide*, a doutrina da Bíblia como única regra em matéria de fé e ordem, conhecida como *sola scriptura*, e a doutrina do sacerdócio de todos os crentes.

A invenção da imprensa e a divulgação da Bíblia nas línguas vernáculas levaram à propagação dos ideais protestantes por quase toda a Europa, dando origem a várias Igrejas e denominações até aos princípios do século XIX. Como alguns exemplos temos a Igreja Luterana, a Calvinista, a Anglicana, a Presbiteriana e a Baptista.

## 2.2 O Despertar Religioso nos Finais do Século XVIII

Nos finais do século XVIII e princípios do século XIX, como resultado de um adormecimento espiritual, tanto na Europa como no Novo Mundo, o Homem questionava-se seriamente sobre si mesmo, o mundo em que vivia, a existência de um Universo e o sentido da vida humana e a sua finalidade. Muita coisa foi posta em causa, o próprio modo como o Homem via o mundo e o explicava, a sua relação com a Natureza e os seres vivos. Como referiu o filósofo Emmanuel Kant, o Homem estava a sair da sua menoridade (Kant,2004: 19).

Em algumas igrejas protestantes surgiu o desejo de saber mais acerca de Deus e da Sua relação com a História humana, como a necessidade de aprofundar a fé pessoal num Deus também pessoal e o dever de transmitir, a um mundo em constante mudança e agitação, a imagem de um Deus de amor que desejava salvar e transmitir uma vida nova a todas as pessoas. A este fenómeno chamou-se o *reavivamento*.

Entre as principais características do *reavivamento*, destacaram-se o interesse pelo estudo da Bíblia, a reforma dos costumes e uma reflexão escatológica, ou seja, o ensino bíblico sobre o regresso de Jesus Cristo e os sinais do fim do mundo.

## 2.3 William Miller e o Estudo das Profecias Bíblicas



Figura 2 – William Miller

É no contexto acima referido que, através de William Miller, se insere a propagação das ideias adventistas nos Estados Unidos da América, a partir de 1831 e, mais tarde, a partir de 1861 através da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Miller partilhava as ideias deístas do seu tempo. No entanto, os horrores da guerra que presenciou entre 1812-1814, contra os ingleses, e mais tarde a morte do pai, afectaram-no profundamente, começando a frequentar a igreja do tio que era pastor baptista. Um certo dia, foi convidado a ler a pregação em substituição do *diácono*<sup>1</sup> de serviço. O texto profético que leu chamou-lhe a atenção. Desde então começou a estudar a sua Bíblia e, em particular, as profecias bíblicas. O cumprimento das mesmas deram-lhe a prova de que necessitava para crer na veracidade das Escrituras.

Em 1818, dois anos depois de ter começado a estudar a Bíblia, Miller concluiu com base nos textos de Daniel e Apocalipse, que o regresso de Jesus à terra ocorreria em 1843.

---

<sup>1</sup> Segundo o Dicionário KLS, o diácono é um membro da igreja que toma parte activa na condução das cerimónias do culto público. (Dicionário Enciclopédico Koogan-Larousse-Seleccções, Vol. 3: 34)

Guilherme Miller, não foi o único nem o primeiro a chegar a estas conclusões. Sem o saber, Miller desenvolveu as ideias do jesuíta Manuel Lacunza (1731-1801) e de muitos outros.

## 2.4 O Movimento Millerita

É apenas em 1831, que William Miller começou a propagar as suas ideias. Depressa se iniciou o movimento de *reavivamento*. Durante 4 anos percorreu cidades e vilas, respondendo aos convites que lhe eram dirigidos para partilhar as suas descobertas. Durante esse período pregou mais de 800 sermões e muitas comunidades aceitaram a sua mensagem. Pastores de diferentes confissões religiosas aderiram à pregação de Miller. Com o apoio de Josué Himes, pastor baptista, e de Josias Litch, pastor metodista, o movimento tomou outra amplitude. Revistas foram editadas e vários folhetos foram distribuídos.

Os anos 1840 a 1843 foram dedicados à pregação da mensagem de advertência em vista do regresso de Jesus Cristo. A data da volta de Jesus foi fixada para 22 de Outubro de 1844.

No entanto, o dia 23 de Outubro trouxe a amarga verdade: Jesus Cristo não tinha regressado. Algumas semanas depois, através duma declaração oficial, os responsáveis do movimento reconheceram o seu erro quanto à interpretação do acontecimento, mas sem colocarem em causa a cronologia bíblica. Muitos membros do movimento abandonaram e regressaram às suas igrejas de origem, outros que ficaram, procuravam encontrar resposta às questões e à esperança bíblica.

William Miller ia visitando alguns desses grupos, procurando encorajá-los a guardarem a sua fé. Morreu cego a 20 de Dezembro de 1849. Do grande movimento Millerita, que terá alcançado o número de 1 milhão de seguidores, várias denominações se formaram, entre as quais a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

## 2.5 O Nascimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia



Figura 3 – James White

No seguimento da desorientação sentida, pelo desapontamento de 22 de Outubro de 1844, um grupo de pessoas, entre os quais se destacaram James White e John Andrews, procuraram estudar melhor a Bíblia e encontrar uma explicação para o sucedido.

Foi então que se acabou por descobrir que tudo estava correcto na pregação de Miller, excepto que a profecia apontava para a purificação do santuário celestial e não para o regresso de Cristo à terra. Outras verdades bíblicas foram sendo apresentadas, como a verdade sobre o Sábado.

Com o passar do tempo, fez-se premente a existência duma organização. Em 1852 existiam 2000 membros e publicações editadas regularmente, e em 1860, foi adoptado em assembleia-geral, em Battle Creek, o nome “Adventistas do Sétimo Dia” que definia este grupo de crentes. Adventista porque traduzia a esperança do regresso de Jesus Cristo, e Sétimo Dia porque observavam o sábado como dia de repouso semanal. Em 1863 foi fundada a Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, que contava na altura com 3500 adventistas, 30 pastores e 152 igrejas.

## 2.6 A Igreja Adventista na Europa

A primeira pregação adventista na Europa data de 1864. Nesse ano, um antigo padre polaco, M. Czechowski, que se tinha convertido ao adventismo, numa viagem aos Estados Unidos, percorreu os vales valdenses do Piemonte em Itália e estabeleceu uma pequena comunidade em Torre Pellice. Depois viajou para a Suíça e estabeleceu em 1866, em Tramelan, a primeira Igreja Adventista na Europa. Após a sua partida para a Polónia, alguns dos seus conversos descobriram um exemplar do órgão oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia, a revista *Review and Herald*. Tiveram assim conhecimento duma igreja organizada nos Estados Unidos. Enviaram então um dos membros da comunidade, J. Erzberger, que depois dum ano de formação, voltou para apoiar os adventistas suíços.

No entanto, como o número de conversos aumentava, a Conferência Geral decidiu enviar John Andrews para que este pudesse fazer um trabalho mais amplo na Europa. Andrews realizou uma verdadeira revolução na igreja. Abriu-se uma casa editora que difundia literatura para toda a Europa. A revista *Sinais dos Tempos* era difundida em francês, italiano e alemão.

Em 1877 uma outra comunidade adventista constituiu-se em Nápoles e dez anos mais tarde na Holanda. Em 1877 John Loughborough, realizou um vasto trabalho entre os Baptistas do Sétimo Dia de Londres e Southampton. E pouco a pouco outros grupos constituíram-se na Bélgica, República Checa, Hungria e Polónia. No final do século XIX, havia cerca de dez mil adventistas na Europa.

## 2.7 A Igreja Adventista em Portugal



Figura 4 – Clarence Rentfro

O primeiro contacto dum pioneiro da Igreja Adventista com o nosso país deu-se em 21 de Julho de 1889 e dele foi protagonista Stephen Haskell. Este líder da igreja Adventista fez uma viagem de pesquisa missionária à volta do mundo, visitando a Europa Ocidental, África do Sul, Índia, China, Japão e Austrália.

A 19 de Julho de 1889, saiu de Dartmouth na Inglaterra, rumo à África do Sul. O barco chegou a Lisboa a 21 desse mês e parou para abastecer. Stephen Haskell e outros passageiros desceram a terra e ele escreveu uma carta que foi publicada em artigo na *Review and Herald* as primeiras impressões acerca do nosso país. No artigo é mencionado o aqueduto das águas livres, as colinas da cidade e Haskell afirma que a cidade era escrupulosamente limpa, e que havia várias igrejas protestantes em funcionamento embora a religião tradicional fosse católica.

O próximo pioneiro a tomar contacto com o nosso país e com a nossa cultura, já não como simples visitante, mas como iniciador da igreja Adventista do 7º Dia em Portugal. Foi Clarence Rentfro quem, em 1904, pisou solo português como pioneiro da igreja Adventista em território lusitano.

A imprensa nacional não tardou a fazer eco do aparecimento da Igreja Adventista. Em 28 de Março, de 1907, o jornal *O Século*, publicou na primeira página e com continuação na página seguinte, um extenso artigo intitulado “Uma Nova Religião em Lisboa - o que é a igreja Adventista do Sétimo Dia – Deve Guardar-se o Sábado – Cristo vai chegar sobre as Nuvens do Céu”. O artigo é ilustrado com uma foto do Pastor Rentfro e transmitia uma mensagem muito positiva da comunidade Adventista e das suas doutrinas.

Hoje em dia a Igreja Adventista em Portugal conta com, aproximadamente, 9 mil membros baptizados e que se reúnem em igrejas espalhadas por todo o território nacional.

## 3 Práticas e Doutrinas

Procedeu-se a uma pesquisa das principais práticas e doutrinas que distinguem a Igreja Adventista, de entre as quais se mencionam as mais relevantes para a composição, no âmbito do projecto, de um programa adequado. Verificou-se sempre que todas as práticas e doutrinas analisadas tinham um fundamento bíblico, comprovando-se a conduta da *sola scriptura*.

### 3.1 Sábado

O Sábado é considerado como um dia santo, ou seja, separado para Deus. É respeitado a partir do pôr-do-sol de Sexta-feira até ao pôr-do-sol de Sábado.

Ao longo deste dia os adventistas abstêm-se de qualquer trabalho secular. Evitam, também, formas puramente seculares de lazer, como desportos competitivos e programas de rádio ou televisão não religiosos. No entanto, passeios no meio da natureza, actividades com a família, obras de caridade e outras actividades ligadas a Deus e ao meio ambiente, são praticados, normalmente na parte da tarde, sendo a manhã reservada para o serviço de culto.

### 3.2 Serviço de Culto

O serviço de culto geralmente começa com a *Escola Sabatina*, onde são estruturados pequenos grupos para uma recapitulação do que foi estudado em casa durante a semana. As lições tratam de um determinado tema, livro bíblico ou doutrina a cada trimestre. Tratam do mesmo tema, de acordo com a faixa etária, simultaneamente em todas as congregações adventistas à volta do mundo. Existem também classes especiais para crianças e jovens em diferentes faixas etárias. Cada uma dessas classes é diri-

gida por um monitor responsável. As diferentes congregações são livres de organizá-las, de acordo com suas necessidades locais, todavia são sempre preservados os momentos de louvor, oração, confraternização, testemunhos locais e de missões internacionais. Estima-se que 25 milhões de pessoas frequentam a Escola Sabatina, a cada sábado, ao redor do mundo.

Após uma breve pausa para anúncios locais, toda a congregação se reúne para o *Serviço de Adoração*. É o período de maior reverência. O sermão ocupa a parte central da liturgia, sendo o canto congregacional, as leituras bíblicas, as orações e a recolha das ofertas (incluindo os dízimos), outras características padrão do Serviço de Adoração.

### **3.3 Santa Ceia**

A Santa Ceia é baseada no relato de João 13 (Bíblia) e está inserida no Serviço de Adoração. É geralmente observada quatro vezes ao ano e é um serviço franqueado a todos os crentes cristãos, sejam eles membros da Igreja ou não.

Inicia-se com a cerimónia com o ritual do lava-pés, onde se procede, literalmente, à lavagem dos pés de um crente ao outro. O lava-pés é utilizado como símbolo da disposição de servir o próximo, em humildade semelhante à de Cristo.

Após a conclusão do ritual do lava-pés, os participantes comungam da Santa Ceia, que consiste em comer o pão ázimo (pão sem fermento) e beber o vinho sem álcool. Esta cerimónia é um emblema da participação do corpo e do sangue de Jesus, como expressão de fé n'Ele como Salvador e Senhor.

### **3.4 Baptismo**

O baptismo é um símbolo da união com Cristo, do perdão dos pecados e da recepção do Espírito Santo. Por este meio reconhece-se a Cristo como Senhor e Salvador.

É o rito mais marcante e importante na caminhada cristã do crente ao longo do processo de santificação.

É realizado por imersão total na água e é precedido da instrução e aceitação nos ensinamentos das Escrituras Sagradas.

A cerimónia é realizada normalmente ao Sábado à tarde, depois de um almoço convívio organizado pela congregação. Habitualmente é efectuado na Igreja mas, por vezes, é executado no mar, num rio, ou num lago, desde que haja água em abundância.

## 4 Aspectos Abordados

### 4.1 O Lugar

Em Génesis 1 (Bíblia) a criação de Deus ocorre num lugar e nunca a partir de um vazio; tudo é desenhado partir de um lugar.

A arquitectura como processo criativo pode ser encarada da mesma forma. É por isso que todas as obras estão amarradas ao lugar, criando uma tensão entre o antes e o depois: “Cada nova obra intervém numa certa situação histórica. Para a qualidade desta intervenção é crucial que se consiga equipar o novo com características que entrem numa relação de tensão significativa com o existente. Para o novo poder encontrar o seu lugar, precisa, primeiro de nos estimular para ver o existente de uma nova maneira. Lança-se uma pedra na água. A areia agita-se e volta a assentar. O distúrbio foi necessário. A pedra encontra o seu lugar. Mas o lago já não é mesmo.” (Zumthor, 2009: 17)

O objectivo é criar obras que consigam dialogar com a envolvente onde estão inseridas que, segundo Sigfried Gidion (Gidion, 2004), seja numa atitude de contraste ou numa atitude de amálgama e que de qualquer das maneiras consigam dizer “eu sou tal como tu me vês e daqui faço parte” (Zumthor, 2009: 17).

### 4.2 O Material

Os materiais são os elementos que constituem a realidade e a sua textura, cor, peso, brilho ou proximidade, fazem-nos perceber e sentir o espaço de diferentes formas. Percebendo-se isto, começa-se a estabelecer uma relação entre a ideia e a realidade desejável atingível.

Santiago Calatrava diz “ (...) que um bom passo para compreender a arquitectura seria compreender o que é o betão, o que é o aço, o que é a madeira, como usá-los, e o que

significam” (Julian & Kausel, 2008: 23). Mas terá que existir uma “consonância dos materiais” (Zumthor, 2006: 23) para que no conjunto surja algo de singular. Tem que se estabelecer, portanto, um jogo entre os materiais, pois, para além de definirem o espaço, têm um impacto nos nossos sentidos.

## 4.5 A Luz



Figura 5 – Estudos de luz

Em Génesis 1 está escrito que “viu Deus que era boa a luz” (Bíblia) e então só depois se iniciou toda a criação na terra para o propósito de nela habitar o Homem; ou seja, a criação do espaço habitável foi precedida pela existência da luz e sem ela não haveria arquitectura. Tal como Alberto Campo Baeza refere: “A luz é um componente essencial, imprescindível para a construção da arquitectura. (...) Sem luz não há arquitectura. Apenas teríamos construções mortas. A luz é a única capaz de dar tensão ao espaço para o Homem. De pôr o Homem em relação com esse espaço criado para ele. Confe-re-lhe tensão, fá-lo visível” (Baeza, 2011: 50).

No decorrer do estudo, para melhor se perceber o uso da luz na composição de um espaço sagrado, propenso ao contacto vertical com a deidade, estudaram-se 3 casos paradigmáticos de igrejas contemporâneas.

## 5 Casos de Estudo

### 5.1 Igreja da Luz – Tadao Ando



Figura 6 – Igreja da Luz, Tadao Ando, Japão

Utilizando apenas o betão, é nas entradas de luz que reside a riqueza do espaço. O forte contraste existente entre solidez e luminosidade representa a separação da dimensão física da espiritual. (Barroso, 2009)

O volume da igreja repousa discretamente no lugar e as pesadas paredes de betão ajudam a separar o interior sagrado do exterior profano.

O espaço interior é definido pelo forte contraste entre a luz e a sombra, onde as paredes de betão sem decorações e a luz vinda da abertura cruciforme criam um ambiente ascético e austero. A penumbra interior é ainda mais acentuada pela madeira escura e áspera das tábuas do chão e dos bancos.

A austeridade, a simplicidade da geometria e o minimalista uso da luz desencadeiam uma atmosfera mística.

## 5.2 Igreja do Infinito – Hanrahan Meyers



Figura 7 – Igreja do Infinito, Hanrahan Meyers, EUA

A Igreja do Infinito é desenhada em rectângulos de secção áurea e esferas com o objectivo de envolver os adoradores em geometrias sagradas, na descrição de Hanrahan Meyers (Meyers,2010).

Os visitantes entram através de uma fachada de vidro directamente para uma sala de leitura; um espaço aberto e sereno para estudo e confraternização. Atravessando este espaço acedem à sala de culto onde as curvas das paredes interiores moldam o espaço. A curva na parede de frente para a congregação é perfurada por uma grande abertura em quadrado que se descerra ao céu infinito. Atrás do palco, as aberturas de vidro dão acesso a um pátio ajardinado, visando o contacto com a natureza, a contemplação e a meditação.

Abaixo do nível do solo encontra-se a *Escola Dominical*, que é marcada por uma precisão de luz na forma de quadrados, linhas e rectângulos de secção áurea, funcionando como uma área de reunião pública para os membros da Igreja.

Nesta Igreja reúne-se geometria, natureza e luz a fim de se alcançar um lugar sagrado, onde todos os elementos têm um carácter simbólico.

### 5.3 Igreja da Santa Cruz – Krohn Rasmussen



Figura 8 – Igreja da Santa Cruz, Krohn Rasmussen, Dinamarca

Segundo o arquitecto Krohn Rasmussen (Rasmussen, 2001), a Igreja da Santa Cruz foi concebida e desenhada como uma abstracção sobre a paisagem aberta e horizontal.

Percebe-se que os diferentes espaços foram projectados numa relação directa com as várias funções que a igreja poderá ter. As superfícies homogéneas e a mudança de ângulos e planos criam efeitos de luz, sombra, peso, leveza e transparência por dentro e por fora do edifício; garantindo a intimidade e a flexibilidade desejáveis para a observância dos diferentes tempos litúrgicos.

Pode-se constatar que no projecto foram aplicados alguns aspectos observados nos três casos de estudo. Como um encontro certo de ingredientes que formam a receita final que, como diz Baeza, conjugados com dimensões, medidas e tempos, correspondem a uma forma de poesia (Baeza, 2011: 11).

Como o betão à vista ou o mobiliário e o pavimento nas zonas de estar em madeira maciça, envolvidos num jogo de luz e sombra, lembrando-nos o estrondoso silêncio de austeridade e penumbra da Igreja da Luz.

A forte geometria por detrás do desenho e todo o programa disposto de uma forma simbólica, para além de funcional, conjugados com a aplicação de regras físicas e metafísicas rigorosas que nos remetem à Igreja do infinito.

O jogo dos volumes abstractos do edifício e o seu diálogo com a envolvente, compreendidos na necessária privacidade da forma fechada com a liberdade da abertura dos espaços interiores que, por fim, nos fazem lembrar a Igreja da Santa Cruz.

## 6 O Projecto

### 6.1 O Lugar

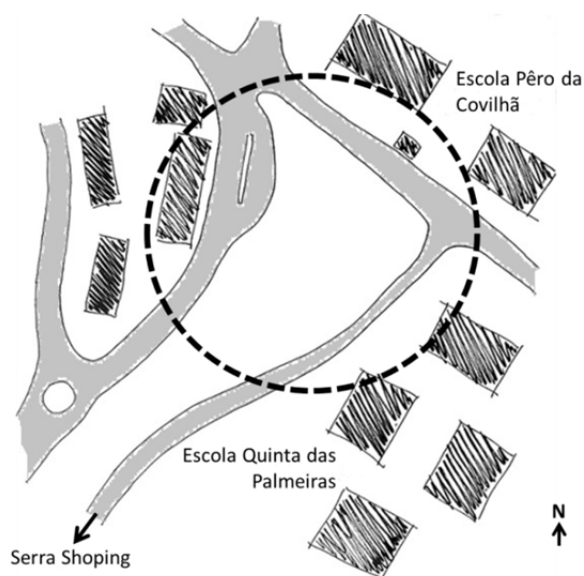


Figura 9 – Zona de implantação do projecto

Seguindo um critério pragmático, a Covilhã foi a cidade escolhida para a localização do projecto. Situada na encosta da Serra da Estrela, entre os 450 e os 800 metros de altitude, é a cidade mais próxima do ponto mais alto de Portugal continental. É uma terra com Universidade pública e de forte cariz operário, devido à indústria da lã.

O local de implantação encontrado fica na zona baixa e em expansão da cidade, junto às escolas Pêro da Covilhã e Quinta das Palmeiras. É um espaço abandonado e uma sobra daquilo que se construiu em toda a envolvente. O terreno é amplo, com uma pendente pronunciada mas bem relacionada com a sua configuração, com um desnível de 16 metros no sentido Oeste-Este. Possui uma vegetação densa, mas pouco interessante, com poucas árvores e muitas plantas invasivas, como silvas, canaviais e outras.



**Figura 10 – Fotografia do local**

Tem bons acessos através da Rua do Serra Shopping (Figura 9) e o estacionamento pode ser efectuado sem problemas, inclusivamente acrescentando mais lugares, modificando o estacionamento longitudinal existente para oblíquo, mediante cedência de parte do perímetro do terreno junto à estrada. Verificou-se que a rua não oferece distracção ou ocupação estática, o que Cullen chama de “viscosidade” (Cullen, 2006: 26), sendo por vezes uma via deserta, carecida de um equipamento que favoreça a permanência.

## 6.2 O Programa

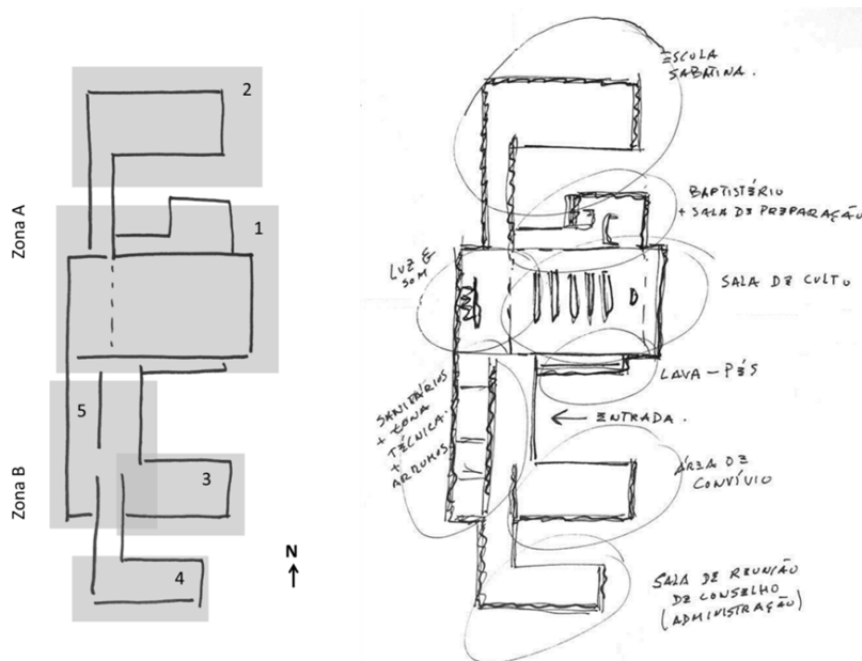


Figura 11 – Estudos para a organização do programa

O programa previsto envolve um conjunto de valências e espaços característicos para uma congregação de aproximadamente 90 pessoas.

O conjunto é constituído por cinco volumes, correspondendo cada um a uma função específica, estruturados segundo um eixo Norte-Sul.

A organização funcional é feita de forma clara e autónoma em duas áreas distintas: A Zona A, destinada ao serviço de culto, e a Zona B destinada às outras funções.

### Zona A

Volume 1 – sala de culto, zona do lava-pés, baptistério com vestiários, sala de preparação do culto e cabine de projecção multimédia;

Volume 2 – escola sabatina com salas de aula para crianças e wc de apoio;

## Zona B

Volume 3 – sala de convívio com cozinha de apoio;

Volume 4 – sala de reunião de conselho e administração.

Volume 5 – sala de recepção, sanitários, zona técnica e arrumos.

## 6.3 A Ideia

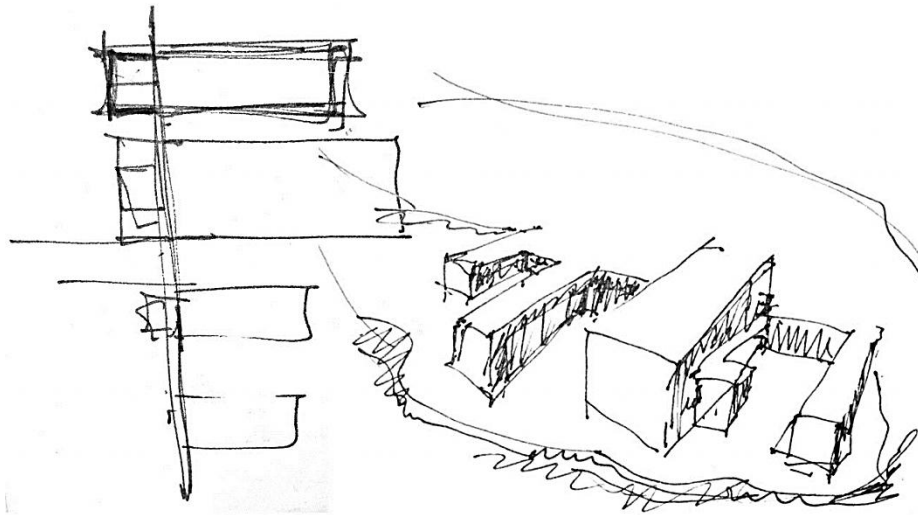


Figura 12 – Estudos da relação do edifício com o terreno

As características do terreno e a irregularidade da parcela fizeram sobressair a necessidade de uma referência arquitectónica ordenada e que reforçasse a dignidade no acesso à igreja. Propôs-se, então, uma ocupação longitudinal e virada à rua de acesso, tendo como referência os quatro principais pontos cardeais, na ausência de referências significativas na envolvente.

A ideia base do projecto foi manter o terreno como o original, acompanhando a tendência natural da pendente, “agarrando” no programa e orientando-o todo para a paisagem a Oriente, como que se estivesse a aguardar expectante o advento de Cristo,

segundo o ensino bíblico de Lucas 17: 24 (Bíblia). Todos os volumes seriam então unidos por um “caminho” Norte-Sul.

Assim, o edifício é como se emergisse do próprio terreno, evitando-se uma construção em socalcos e introduzindo um sentido de horizontalidade, como se fosse um prolongamento da paisagem.

O edifício dissipa-se ao aceitar a prevalência da natureza e, ao mesmo tempo, revela-se, ao assumir a sua condição de elemento artificial e abstracto. A arquitectura assume-se então com um carácter mais topográfico, em que não se percebe onde realmente acaba e começa a envolvente e, também, com um lado oposto onde o seu limite está mais presente, definido pelo alinhamento dos diferentes corpos. Do conjunto ergue-se em altura um corpo do edifício – a sala de culto – que assinala a sua presença a distâncias maiores.

## 6.4 A Luz

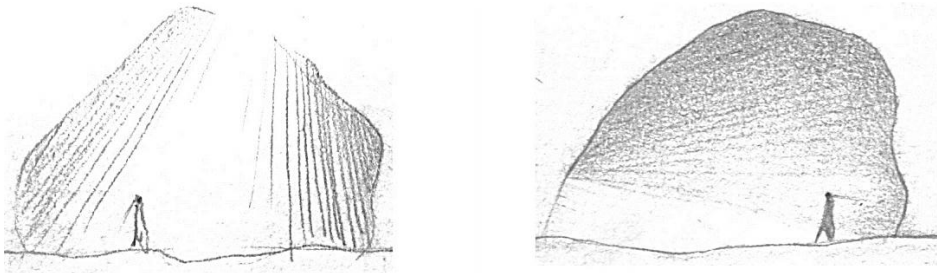


Figura 13 – Estudos de luz vertical e horizontal

O carácter simbólico da luz é determinante no espaço sagrado. Este é conseguido através das clarabóias e das aberturas rasantes sobre o pavimento. Esta boa iluminação natural permite, durante os dias claros, que o funcionamento possa ser feito sem o recurso de iluminação eléctrica. Os grandes envidraçados, com vista para os pátios, conferem aos espaços um ambiente de grande sossego e propenso à meditação.

## 6.5 O Material

Construtivamente optou-se por uma simplicidade que acentuasse o desprendimento material do momento religioso. As paredes e os tectos em betão à vista e os pavimentos em pedra ou madeira. Austeridade nos acabamentos interiores pela ausência de tectos falsos e pelas instalações à vista. Esta aridez interior opõe-se ao espaço verde exterior.

## 7 Espaços Interiores

### 7.1 Átrio de Entrada

É a zona de preparação para a sala de culto, com acesso às instalações sanitárias.

### 7.2 Sala de Administração

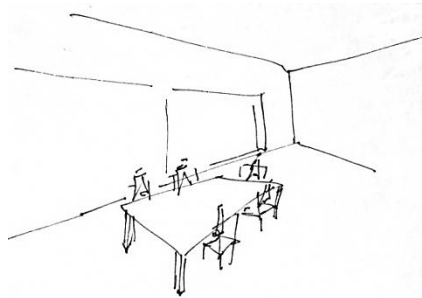


Figura 14 – Estudo para a sala de conselho/administração

Destinada a reuniões de conselho de igreja e administração. Uma abertura para um pátio plantado introduz luz e serenidade na tomada de decisões.

### 7.3 Sala de Convívio

Aberta para o átrio de entrada, é um espaço de confraternização e extensível ao pátio exterior nos dias de calor.

## 7.4 Sala de Culto

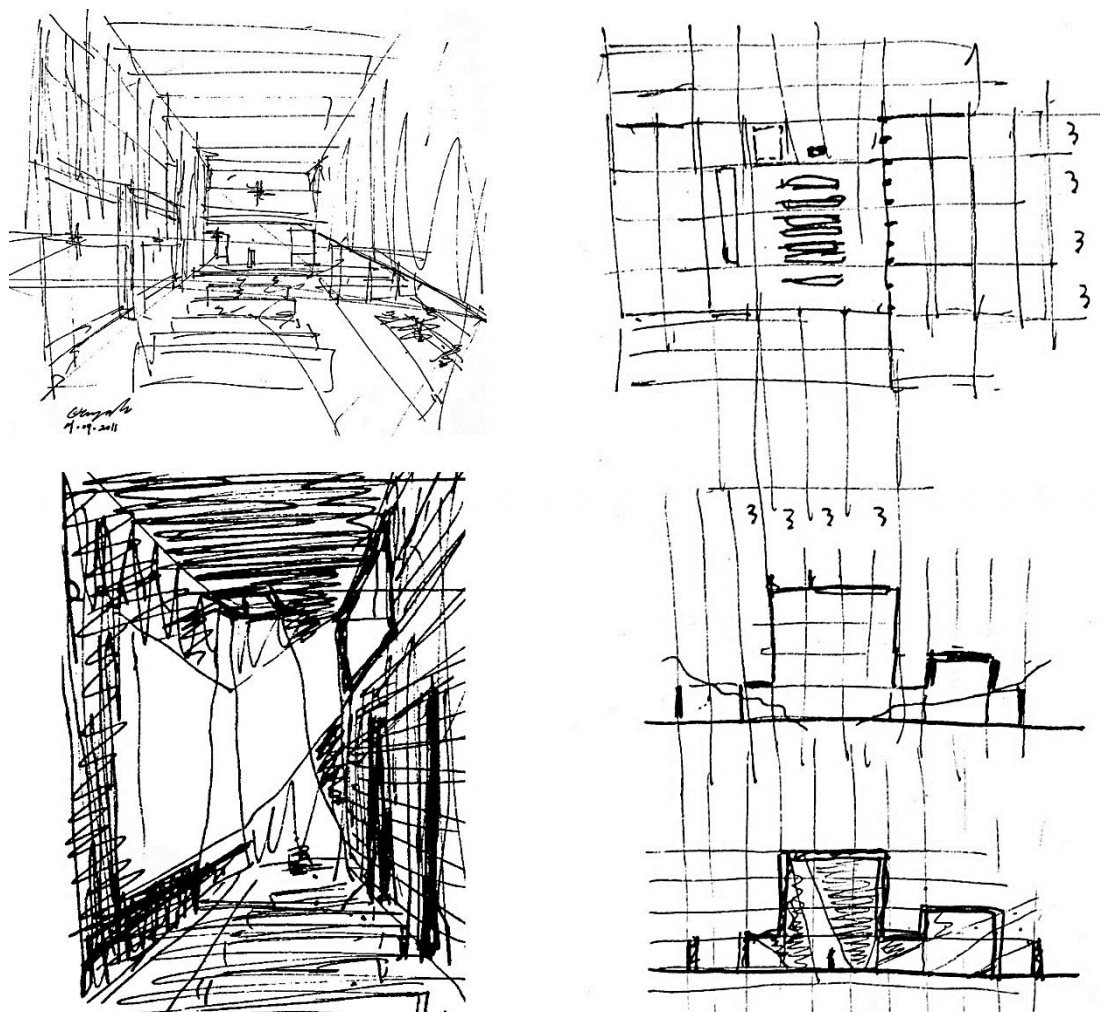


Figura 15 – Estudos para a sala de culto

Com um pé direito mais elevado, tem como objectivo elevar o espírito a Deus através de uma penumbra luminosa. A zona do púlpito, iluminada por uma luz zenital, está numa plataforma elevada, para uma melhor visualização dos momentos litúrgicos. A parede por cima do púlpito serve de tela para a projecção das letras dos diferentes cânticos ou outro tipo de material multimédia.

## 7.5 Baptistério

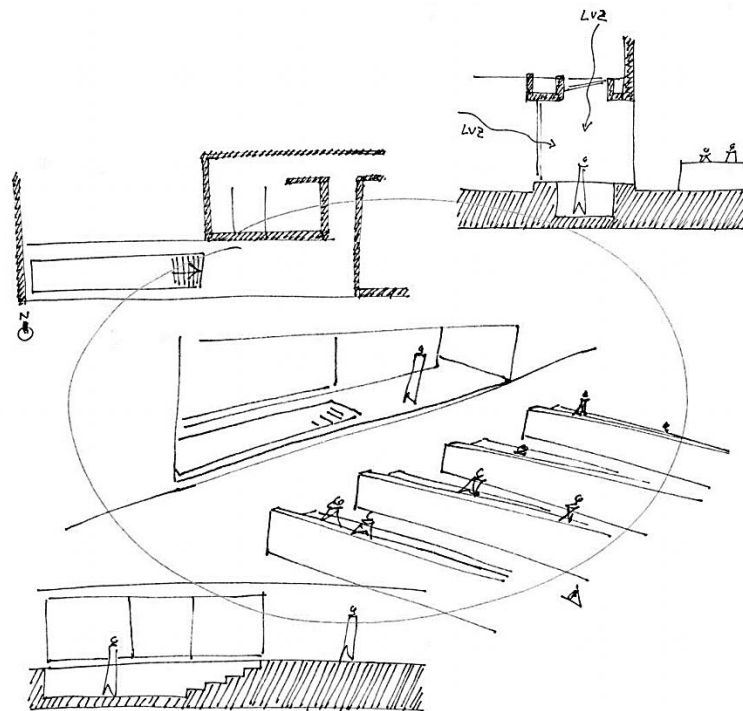


Figura 16 – Estudos para o baptistério

O baptistério encontra-se numa das laterais do espaço de culto, apresentando-se como um cenário sempre presente. A assembleia tem constantemente ao seu lado a recordação do ponto marcante da sua caminhada cristã e da entrega pessoal a cristo. O tanque de água para a imersão do crente encontra-se alinhado com uma janela rasante com um pátio plantado exterior. Nos dias de calor poderá abrir-se ao exterior. Todo o palco do baptistério é iluminado por uma clarabóia que focaliza o cenário.

## 7.6 Lava-pés

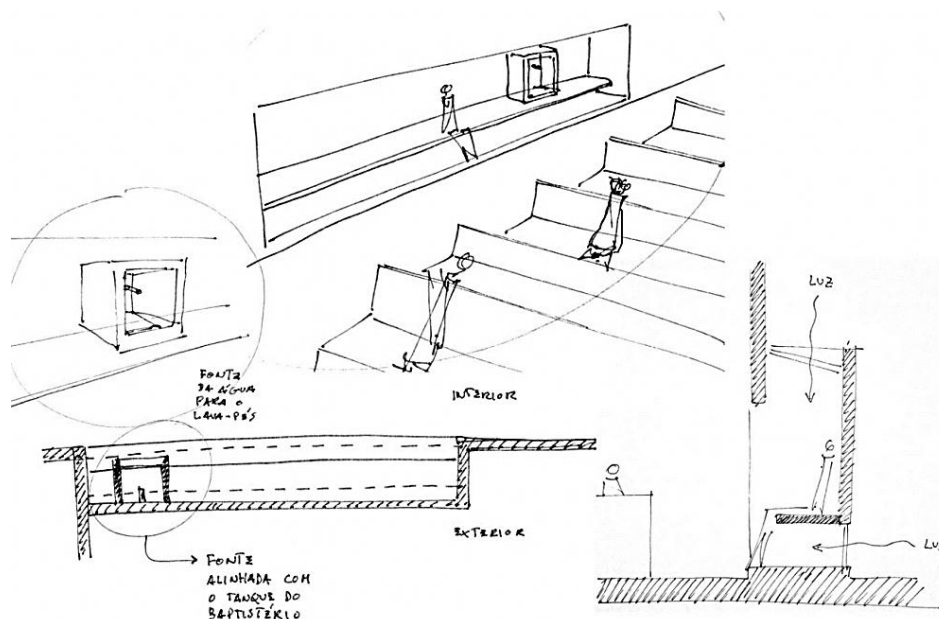


Figura 17 – Estudos para o lava-pés

O espaço do ritual do lava-pés encontra-se na outra lateral do espaço de culto, surgindo como um banco corrido encaixado num nicho. No mesmo nicho encontra-se uma pequena fonte de apoio à cerimónia, alinhada com o tanque do baptistério, como que ligando a água para a lavagem dos pés à água do baptistério. Por baixo do banco corrido encontra-se uma abertura rasante para o exterior que ilumina os pés daqueles que estão sentados, revelando a parte do corpo essencial no ritual. Todo o espaço do nicho é destacado por uma luz vertical proveniente de uma clarabóia.

## 7.7 Escola Sabatina

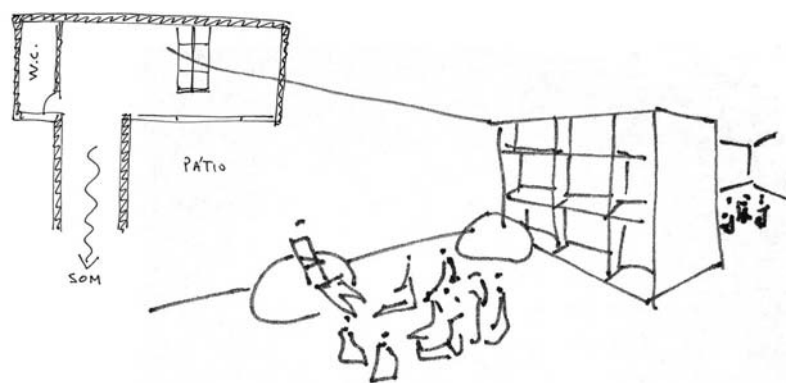


Figura 18 – Estudos para as salas da escola sabatina

Duas salas e um serviço sanitário dão apoio às aulas da escola sabatina das crianças, que se podem estender para o pátio exterior nos dias de sol e calor. O corredor de acesso encontra-se sempre aberto para poder invadir a sala de culto com o som e o cântico das crianças, criando uma atmosfera de alegria.

## 8 Espaços Exteriores

### 8.1 Estacionamento

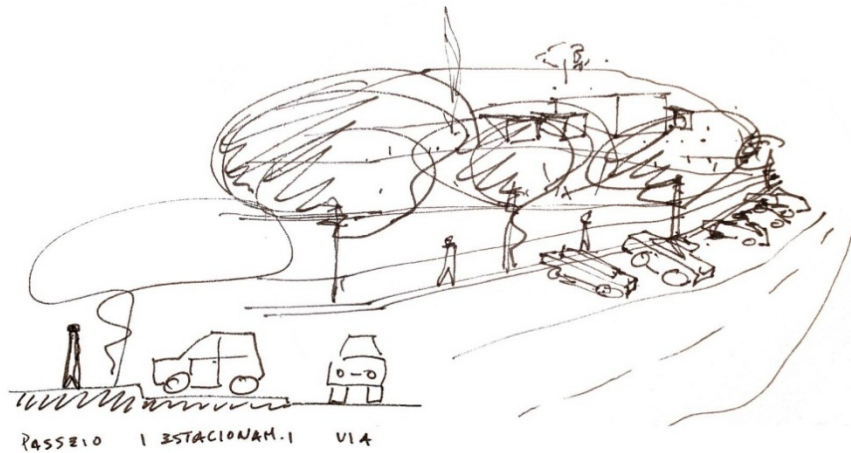


Figura 19 – Esquiços ilustrativos do estacionamento

O estacionamento é feito ao longo da via pública, fora do terreno da igreja, não poluindo este espaço e propiciando um primeiro estágio de desprendimento com o mundo secular e aproximação com o sagrado. Esta separação é reforçada pela colocação de árvores ao longo da via que permitem, também, o ensombramento.

### 8.2 Acesso

A aproximação ao edifício é efectuada no sentido Sul-Norte, favorecendo uma sucessão de revelações mais ou menos súbitas dos volumes, a que Gordon Cullen chama de “visão serial” (Cullen, 2006: 11), até surgir o pátio de acesso à entrada.

Todo o percurso faz uma volta em “S” que, como Simon Unwin explica, cria um jogo entre a linha de visão e a linha de passagem que amplifica a sensação de mistério em

toda a experiência (Unwin, 1997: 105). Toda esta dinâmica de aproximação ao espaço de culto de costas para o quadrante Sul rejeita algum tipo de reverência ao sol, símbolo da adoração pagã e antónimo do cristianismo.

### **8.3 Pátios**

Os pátios funcionam como filtros de transição para a intimidade e recolhimento do espaço interior. São polarizadores da compartimentação interior e funcionam como canais de ventilação e iluminação natural.

### **8.4 Envolvente**

Toda a área exterior envolvente ao templo é plantada e tratada com flores, plantas e árvores, filtrando a poluição urbana, e funcionando como uma primeira barreira entre o santo e o profano.

## **9 Solução Construtiva**

### **9.1 Estrutura**

Estrutura do edifício composta por pilares, vigas e paredes em betão armado e lajes maciças. Muro de contenção dos pátios exteriores em betão armado.

### **9.2 Coberturas**

Cobertura ajardinada ou em camarinha de zinco com laje maciça em betão armado. As águas pluviais serão drenadas por caleiras e tubos de queda em zinco.

### **9.3 Pavimentos**

Pavimento exterior em lajetas de betão pré-fabricadas.

Pavimento interior dos espaços de circulação em betão polido com agregados finos e dos espaços de estar em soalho de madeira maciça de Carvalho.

### **9.4 Paredes**

Paredes exteriores em betão polido acabadas com verniz impermeabilizante, medindo 30 cm de espessura.

Paredes interiores executadas em betão polido à vista, medindo 20 cm de espessura.

## **9.5 Vãos**

### **9.5.1 Exteriores**

Caixilharias fixas, de abrir ou de correr, constituídas por aros e janelas em alumínio, sem corte térmico e vidro duplo, na cor cinza escuro.

Vidros duplos e transparentes, sendo termoendurecidos nas clarabóias.

### **9.5.2 Interiores**

Portas maciças em madeira de carvalho. Compartimentos e portas dos vestiários e das instalações sanitárias em painéis folheados de aglomerado de madeira de cor cinza escuro.

## **9.6 Tectos**

Os tectos serão executados em betão polido à vista.

## **9.7 Louças Sanitárias**

As louças sanitárias serão em porcelana de cor branca.

## 10 Conclusão

A presente dissertação abarcou os agentes envolvidos no processo de produção de um projecto – os chamados “detonantes” (Cerro, 2008) – estabelecendo as bases de um conhecimento que pudesse facultar as competências necessárias na criação de arquitectura. Assim, promovendo a comunicação entre o sagrado e a arquitectura, entre o religioso e o artístico, sobreveio, na presença de “poesia” (Baeza, 2011: 11) e lucidez de interpretação, um esforço de produzir verdadeira arquitectura.

## 11 Bibliografia

As referências bíblicas utilizadas ao longo do texto foram retiradas da Bíblia Sagrada com tradução de João Ferreira de Almeida, numa edição revista e corrigida da Sociedade Bíblica de Portugal.

### 11.1 Monografias

Aswegen, L. (2010) *Harvard for Beginners*, Cape Peninsula: Cape Peninsula University of Technology.

Baeza, A. (2011) *A Ideia Construída*, 4ª Edição, Casal de Cambra: Caleidoscópio.

Bringhurst, R. (2005) *Elementos do Estilo Tipográfico*, São Paulo: Cosac Naify.

Cerro, F. (2008) Exercício 2 – Origem e detonantes do Projecto: Trabalhar em espaço abstracto, Covilhã: Universidade da Beira Interior.

Ching, F. (1989) *Arquitectura: Forma, Espacio y Orden*, 6ª Edição, México: Editorial Gustavo Gili.

Clark, R. & Pause, M. (1987) *Arquitectura: Temas de Composición*, México: Editorial Gustavo Gili.

Cullen, G. (2006) *Paisagem Urbana*, Lisboa: Edições 70.

*Dicionário Enciclopédico Koogan-Larousse-Seleções*, 3ª Edição (1980) Rio de Janeiro: Editora Larousse do Brasil.

Esposito, A. & Leoni, G. (2003) *Eduardo Souto de Moura*, Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

Ferreira, E. (2009) *Arautos de Boas Novas*, Almargem do Bispo: Publicadora Servir.

- Gidion, S. (2004) *Espaço, tempo e arquitectura*, São Paulo: Martins Fontes.
- Jodidio, P. (1999) *Álvaro Siza*, Köln: Taschen.
- Julian, A. & Kausel, C. (2008) *Santiago Calatrava. Conversa com Estudantes*, Barcelona: Editorial Gustavo Gili.
- Kant, E. (2004) *Que és la Ilustración? Y Otros Escritos de Ética, política e Filosofia de la História*, Madrid: Alianza Editorial.
- Koolhaas, R. (2002) *Conversa com Estudantes*, Barcelona: Editorial Gustavo Gili.
- Minguet, F. (2004) *Todo Minimalismo*, Barcelona: Monsa.
- Neufert, E. (1998) *Arte de Projetar em Arquitectura*, 13ª Edição, Barcelona: Editorial Gustavo Gili.
- Os Adventistas do Sétimo Dia Crêem...* (1989) Sacavém: Publicadora Atlântico.
- Pallasmaa, J. (1996) *The eyes of the Skin – Architecture and the Senses*, London: Academy Editions, p21.
- Schneider, F. (2006) *Atlas de Plantas*, Barcelona: Editorial Gustavo Gili.
- Seabra, N. (2005) *Bak Gordon*, Lisboa: Librus.
- Tanizaki, J. (2008) *Elogio da Sombra*, 2ª Edição, Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- Trigueiros, L. (1997) *Álvaro Siza*, Lisboa: Editorial Blau.
- Unwin, S. (1997) *Analysing Architecture*, London: Routledge.
- Villares, A. (Sem data) *Lutero: As Portas do Paraíso*, Lisboa: Vega.
- Zumthor, P. (2006) *Atmosferas*, Barcelona: Editorial Gustavo Gili.
- Zumthor, P. (2009) *Pensar a Arquitectura*, 2ª Edição Ampliada, Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

## 11.2 Publicações Periódicas

Stec, B. (2004) *Conversazioni con Peter Zumthor/Conversations with Peter Zumthor*. *Casabella* 719, febbraio/February, pp. 6-13.

Gerald, A. (2011) Mais do que um Tijolo na Parede: Espaço Sagrado, Arquitectura e Teologia. *Revista Adventista*, Março, pp. 14-17.

## 11.3 Teses e Dissertações

Barroso, C. (2009) *Percepção do Espaço*. Tese de Mestrado, Universidade da Beira Interior.

Costa, C. (2009) *Apologia do Lugar: Um Corpo no Vazio [Urbano]*. Tese de Mestrado, Universidade da Beira Interior.

Gonçalves, J. (2009) *Peter Zumthor: Um estado de graça entre a tectónica e a poesia*. Dissertação, Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra – Departamento de Arquitectura.

Malta, S. (2009) *Luz e Sombra*. Tese de Mestrado, Universidade da Beira Interior.

Müller, F. (2006) *O Templo Cristão na Modernidade: Permanências Simbólicas e Conquistas Figurativas*. Tese de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

## 11.4 Vídeos

*História Geral da Arte nº 3: Arte Paleo Cristã e Bizantina* (2003) Lisboa: Filmes Unimundos II [DVD].

*História Geral da Arte nº 4: O Românico* (2003) Lisboa: Filmes Unimundos II [DVD].

## 11.5 Documentos Electrónicos

Arruda, A. (Sem data) Breve História do Protestantismo [on-line] Disponível em <http://www.veritatis.com.br/apologetica/protestantismo/866-breve-historia-do-protest> [Acedido 23 Março 2011]

Eneas, J. (2006) Liturgia Adventista [on-line] Disponível em [http://www.forumdemusica.com.br/index2.php?option=com\\_content&do\\_pdf=1&id=64](http://www.forumdemusica.com.br/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=64) [Acedido 30 Março 2011]

Igreja Adventista do Sétimo Dia (Sem data) História da Igreja Adventista [on-line] Disponível em <http://www.adventistas.org.pt/Artigos.asp?ID=47> [Acedido 22 Junho 2011]

Medeiros, G. (2009) O Significado da Santa Ceia pros Adventistas [on-line] Disponível em <http://www.portaliasd.org/igreja/pastoral/o-significado-da-santa-ceia> [Acedido 8 Agosto 2011]

Meyers H. (2010) Infinity Chapel [on-line] Disponível em [http://hanrahanmeyers.com/sacred\\_infinity.html](http://hanrahanmeyers.com/sacred_infinity.html) [Acedido 31 Agosto 2011]

Rasmussen, K. (2001) Church of the Holy Cross [on-line] Disponível em <http://www.khr.dk/#/153290/> [Acedido 31 Agosto 2011]

## 12 Créditos das Figuras

**Figura 1 – Martinho Lutero** **2**

*Fonte:* <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Luther46c.jpg#file>

**Figura 2 – William Miller** **4**

*Fonte:* <http://www.adventistas.org.pt/Artigos.asp?ID=47>

**Figura 3 – James White** **6**

*Fonte:* <http://www.adventistas.org.pt/Artigos.asp?ID=47>

**Figura 4 – Clarence Rentfro** **8**

*Fonte:* <http://www.adventistas.org.pt/Artigos.asp?ID=47>

**Figura 5 – Igreja da Luz, Tadao Ando** **15**

*Fonte:* <http://www.milamoo.co.uk/blog/architecture/examples-of-modern-church-architecture/attachment/church-of-the-light-osaka-japan>

**Figura 6 – Igreja do Infinito, Hanrahan Meyers** **16**

*Fonte:* [http://hanrahanmeyers.com/sacred\\_infinity.html](http://hanrahanmeyers.com/sacred_infinity.html)

**Figura 7 – Igreja da Santa Cruz, Krohn Rasmussen** **17**

*Fonte:* <http://www.khr.dk/#/153290/>

## 13 Anexos

